



ISSN: 2525-4154 – QUALIS B3  
Ed. 2022, V6, n 01

## REFLEXÕES FENOMENOLÓGICAS E HERMENÊUTICAS SOBRE O CONCEITO DE “CORPO PRÓPRIO” DE HUSSERL E O ENVELHECIMENTO NA ATUALIDADE

*Phenomenological and hermeneutic reflections on Husserl's concept of “own body” and aging in the present times*

*Reflexiones fenomenológicas y hermenéuticas sobre el concepto de “cuerpo propio” en Husserl y el envejecimiento en la actualidad*

---

Recebido: 22/03/2023 | Revisado: 22/04/2023 | Aceito: 22/05/2023 | Publicado: maio/2023

Christiane Pantoja de Souza  
Dra. em Psicologia Pela Universidade Federal do Pará  
<https://orcid.org/0000-0003-4204-5971>  
e-mail: tianepantoja@gmail.com

---

### Resumo

O presente artigo é uma reflexão sobre o envelhecimento hoje, entendendo que neste momento coincidem a maior longevidade da população e um contexto ideológico de busca da “juventude para sempre”. Tal contexto é caracteristicamente midiático, fortemente marcado pelo consumo e contribui decisivamente para a soberania da imagem a partir do imperativo da constante busca pela aparência de juventude, através de grande quantidade e diversidade de produtos a serem consumidos. Para trabalhar o tema, foram utilizados textos de alguns autores que tratam sobre envelhecimento e corporeidade, destacando-se o autor Le Breton e sua percepção da incidência das transformações da técnica sobre o corpo. Dialogamos com os autores a partir do ponto de vista fenomenológico e hermenêutico do conceito Husserliano de “Corpo Próprio”.

**Palavras-chave:** Envelhecimento; Corpo Próprio de Husserl; Fenomenologia Hermenêutica.

### Abstract

This article is a reflection on aging today, understanding that at this moment the greater longevity of the population and an ideological context of the search for “youth forever” coincide. Such a context is characteristically mediatic, strongly marked by consumption and contributes decisively to the sovereignty of the image from the imperative of the constant search for the appearance of youth, through a large quantity and diversity of products to be consumed. To work on the theme, texts by some authors who deal with aging and corporeity were used, highlighting the author Le Breton and his perception of the incidence of the transformations of technique on the body. We dialogued with the authors from the phenomenological and hermeneutic point of view of the Husserlian concept of “Own Body”.

**Keywords:** Aging; Husserl’s “Own Body”; Hermeneutic Phenomenology.

## Resumen

Este artículo es una reflexión sobre el envejecimiento en la actualidad, entendiendo que en este momento coinciden la mayor longevidad de la población y un contexto ideológico de búsqueda de la “juventud para siempre”. Tal contexto es característicamente mediático, fuertemente marcado por el consumo y contribuye decisivamente a la soberanía de la imagen desde el imperativo de la constante búsqueda de la aparición de la juventud, a través de una gran cantidad y diversidad de productos a consumir. Para trabajar el tema se utilizaron textos de algunos autores que tratan sobre el envejecimiento y la corporeidad, destacándose el autor Le Breton y su percepción sobre la incidencia de las transformaciones de la técnica en el cuerpo. Dialogamos con los autores desde el punto de vista fenomenológico y hermenéutico del concepto Husserliano de “Cuerpo Propio”.

**Palabras clave:** Envejecimiento; “el propio cuerpo” de Husserl; Fenomenología hermenéutica.

## 1. Introdução

Na sociedade de consumo são priorizados valores relacionados a um modelo de pessoa jovem, de forma que determinados elementos estéticos em vigor atuam como definidores do status social dos sujeitos, impactando nos modos de subjetivação a partir de um conjunto de significados expressos e compartilhados nos discursos vigentes. Figueiredo, Nascimento e Rodrigues (2017) ressaltam que nas sociedades contemporâneas individualizadas e mercantilizadas nos preocupamos cada vez mais com a performance, as aparências e a estetização da vida. A manifestação dessa tendência é fonte de constante preocupação dos indivíduos com a apresentação e a forma de seus corpos na tentativa de adequá-los a um ideal hegemônico de beleza jovem, magra, exercitada, e de alta performance.

Pensando o envelhecimento no contexto atual das mudanças sobre a expectativa de vida e dos avanços da tecnociência, inserimos o conhecimento no campo das ciências médicas e biomédicas, cujo desenvolvimento se acelerou com o advento da engenharia genética e o mapeamento do DNA, no século XX, entrando no século XXI de forma irreversível com o investimento em biotecnologias (DANTAS, 2011); sendo todas essas transformações acessíveis apenas a quem pode pagar por elas. Inserimos também a temática do envelhecimento no contexto do desenvolvimento de tecnologias cada vez mais velozes, conectadas, virtualizadas e interativas, com complexas redes sociais, de armazenamento, recuperação e compartilhamento de dados e informação em temporeal, sendo exemplos as tecnologias androide, smart, 4G e 5G, de forma que o mundo vem se tornando uma gigantesca rede de troca de informações e a influência da tecnologia digital cresce em nossas vidas, modificando os modos como nos expressamos, nos comunicamos, percebemos, pensamos e interagimos no mundo (SANTAELLA, 2007).

Monteiro (2011) explica que a noção de contemporaneidade traz em seu bojo referências da modernidade. Além disso, a modernidade como período recente da história, comporta mudanças no campo político, econômico, social e intelectual que se configuraram a partir de séculos anteriores, como o século XVII, passando pelo iluminismo, na segunda metade do século XVIII, e incluindo o advento da revolução industrial e o desenvolvimento do capitalismo.

Chauí (2012, p. 69) complementa este raciocínio refletindo que a modernidade corresponde à época da sociedade industrial, “aquela em que o poder econômico e político pertence às grandes indústrias e em que se explora o trabalho produtivo”, sendo importante lembrar também o que tem sido denominado de pós-modernidade, que corresponderia a uma sociedade pós-industrial, onde o capital financeiro encontra-se vinculado aos serviços de redes eletrônicas de automação e informação. Lopes e Mendonça (2016) a consideram além de uma sociedade pós-industrial, também uma sociedade pós-guerra.

Em termos sociais Giddens (1991, p. 8) resalta que a palavra “modernidade” se refere a estilo, costume de vida ou organização social que emergiram na Europa a partir do século XVII e que posteriormente se tornaram mais ou menos mundiais em sua influência”. Quanto à pós-modernidade, o autor argumenta que apesar de ser possível perceber contornos de uma ordem diferente, não basta dar outro nome; ao invés disso, deve-se olhar novamente para a natureza da própria modernidade, pois, estamos alcançando um período no qual as consequências da modernidade se radicalizam e universalizam. São os desdobramentos da modernidade, que já vinham sendo tratados por autores como Debord (1967) que a descreve como sociedade do espetáculo, ou Lasch (1983) como cultura do narcisismo.

Moreira e Nogueira (2008) consideram que a pós-modernidade sempre terá como característica a emergência de uma cultura midiática. Este cenário social funda-se num forte apelo ao consumo estimulado pelos meios de comunicação de massa, os quais contribuíram decisivamente para a soberania da imagem, onde beleza, juventude, felicidade, o corpo perfeito e o sucesso pessoal constituem bens ou mercadorias a serem adquiridos.

Segundo Le Breton (2002, 2003) um novo imaginário de corpo surge nos anos de 1960 para o ser

humano ocidental, pois, antes disso vivia-se a repressão e a discricção do corpo. Ocorreu, então, uma “descoberta” do corpo que, marcada pela aura dos meios massivos de comunicação, vem se difundindo e gerando os mais variados discursos e práticas. Neste contexto, o corpo se tornou o *locus* privilegiado do bem estar (a forma), do bem parecer (o *body-building*, os cosméticos, os produtos dietéticos, etc.), da paixão pelo esforço (maratonas, jogos, surf, etc.), do risco (escalada, aventura), de enfrentamento com o entorno, das incontáveis sensações, de reconquista de si mesmo, do discurso social, e um território a explorar (grifo nosso).

Deste modo, as alterações ocorridas no estatuto técnico-científico apontam para novos arranjos na cena contemporânea com repercussões na organização da vida individual e coletiva, impactando nos modos de envelhecer e colocando em debate questões acerca das novas configurações sociais que ressignificam o envelhecimento, a saúde e a vida (CASTRO 2004, 2007; PRADO, 2010; DANTAS, 2011; CERQUEIRA, 2013; LOPES & MENDONÇA, 2016).

## 2. O imperativo de eterna juventude e o corpo sob o efeito das biotecnologias

Os novos significados que surgem na atualidade como: o envelhecimento ativo (Oscar, 2012) e a busca de jovialidade nos idosos (Matos, 2014), ampliam o conceito de envelhecimento para além do ciclo vital, pois, considerando-se como referência a idade cronológica das pessoas, observa-se que o marco físico muitas vezes parece incompatível como cronológico, embora isso não se sustente por tempo indeterminado e nem seja possível a todas as pessoas.

Sendo assim, é possível que as pressões para evitar o envelhecimento sejam promotoras de intensificação de sofrimento pelo envelhecer (Moreira e Nogueira, 2008; Lima, 2015; Klotz, 2016), pois, além de não haver uma linearidade no envelhecimento, há pessoas que não possuem acesso aos recursos estéticos, o que pode interferir de modo significativo na saúde dos indivíduos, pois, na busca por alcançar um padrão de corpo arbitrário ou para adiar e/ou apagar as mudanças que a passagem do tempo imprime, algumas pessoas arriscam a vida em clínicas cirúrgicas clandestinas. No âmbito psíquico se estabelece uma contradição, visto que o ideal de juventude permanente não se sustenta diante da realidade do percurso de vida.

Nesse cenário marcado por mudanças velozes do conhecimento e dos valores culturais, caracterizado pela globalização e pelo consumismo que trata não só objetos como obsoletos, mas também pessoas e relações, envelhecer é uma experiência geradora de insegurança e mal-estar para o sujeito contemporâneo, sendo possível identificar na prática clínica pessoas bastante vulneráveis e vivenciando com muita aflição seu processo de amadurecimento, constatando-se também um intenso movimento de evitação que pode implicar que além da experiência existencial de confronto com a finitude de que se reveste, passa a ter um peso adicional de caráter cultural que pode reduzir possibilidades de vivências significativas e ricas na construção da subjetividade durante toda a vida (MOREIRA & NOGUEIRA, 2008).

Este é o contexto histórico-cultural do discurso da qualidade de vida, que induziu ao longo do tempo mudanças de hábitos alimentares e físicos; dietas restritivas; e ingestão de suplementos alimentares, buscando-se aderir a um modo de viver e a um modelo de corpo apresentado como ideal, implicando na manutenção ou modificação do modo de inserção social dos sujeitos. Nessa tessitura, imagens de juventude disseminadas nos meios de comunicação tendem a estar vinculadas a imagens que sugerem felicidade, beleza, potência e êxito (DANTAS, 2011; VILLAÇA, GÓES E KOSOVSKI, 2012; CERQUEIRA, 2013).

Nesta direção, o mercado de produtos, serviços e tecnologias, um “mercado do culto ao corpo”, dissemina ideologias de que há um corpo ideal a ser construído como nos alerta Dantas (2011), seja por meio de variados recursos estéticos como as cirurgias plásticas e academias de ginástica como pelo consumo de recursos biotecnológicos para “retardar” o envelhecimento físico (Chnaiderman, 2013; Delbone, Joaquim, Ploner e Cyrino, 2013), aparecendo também no mesmo contexto da qualidade de vida, o discurso do envelhecimento saudável e do envelhecimento ativo, de forma que esses discursos parecem se misturar a um ideal de corpo associado à juventude, seja em termos de aparência, seja em termos de motricidade e desempenho, desconstruindo segundo Moreira e Nogueira (2008) o modelo antigo de envelhecimento ligado à diminuição do ritmo de atividade.

No que se refere à biotecnologia, voltada atualmente não somente para a manutenção da vida humana, mas também para a indústria dos cosméticos e suplementos alimentares, define-se de acordo com Santos, Zoboli e Correia (2013) pela manipulação de componentes corporais dos seres vivos, combinando entre seus ramos de abrangência a microbiologia, a genética e a biologia molecular. Segundo estes mesmos autores, de modo abrangente, as biotecnologias buscam potencializar o corpo para além de sua condição biológica inicial. Nesta direção, como é um dos ramos da tecnociência, cada vez mais se destaca no sentido de ser um dispositivo de modulação do corpo, tentando interromper seu processo de declínio biológico no envelhecimento, na busca pela imortalidade.

Para além dos possíveis benefícios, as biotecnologias configuram também o contexto ideológico do discurso de esforçar-se para permanecer e parecer jovem, que remete à imortalidade e ao simulacro do próprio corpo em algo construído para atender a padrões arbitrários de existência. Assim, o corpo aparece em formas que vão do corpo dispensável, destituído pela tecnociência, ao corpo “mimado” pelo consumo (Le Breton, 2002). No discurso científico contemporâneo o corpo é pensado como matéria indiferente, um objeto à disposição dos sujeitos que podem agir para moldá-lo. Torna-se, segundo Le Breton (2002, 2003) um corpo *alter ego*, um duplo, não mais uma raiz da identidade do sujeito, mas uma matéria prima que se dissolve, um rascunho.

O corpo se torna o invólucro de uma presença arquitetônica, obra de engenharia, partes materiais e funções cuja fundamentação da existência não se baseia na irredutibilidade do sentido de valor da própria carne do homem, mas na permutação dos seus elementos e funções, sendo o corpo declinado em peças isoladas, substituíveis (Le Breton, 2003). Nesta direção, as últimas consequências desse desenrolar ensaiam o completo desaparecimento do corpo, através do ideal de virtualização dos sujeitos, na fusão com a máquina.

No entanto, de um ponto de vista fenomenológico o ser humano é indissociável de sua carne, sem a qual o ser-no-mundo não existiria. Pode experimentar momentos de dualidade quando em situações desagradáveis (enfermidade, precariedade, cansaço, velhice, etc.) ou agradáveis (prazer, ternura, sensualidade, etc.) o sujeito venha a sentir que seu corpo lhe escapa, que excede o que ele é. Mas dualismo é diferente de momentos de dualidade, porque fragmenta a unidade da pessoa, faz parte de um discurso social que torna episódios de dualidade um destino naturalizado, muitas vezes de forma implícita. Este dualismo presente no discurso não divide corpo e alma, é mais disfarçado e sob múltiplos modos distingue o ser humano de seu corpo (LE BRETON, 2002).

Como possibilidade reflexiva sobre a questão do envelhecimento na atualidade, a noção de Mundo da Vida (Lebenswelt, em alemão) que é nuclear no pensamento de Edmund Husserl (1889 - 1938) faz-se fundamental para pensar o corpo, pois, vinculado ao seu conceito de corpo próprio é o lugar da presença e da percepção que diferencia o corpo humano de outros objetos no mundo. Nos remetemos aqui ao debate sobre a condição do homem como ser histórico num momento de intensificação da crise da qual nos fala Husserl quando se refere à crise da cultura europeia no século XX, sendo a constante preocupação com a necessidade de retorno “às coisas mesmas” o contraponto da postura ingênua e naturalizante no cientificismo da época deu origem a escritos dedicados ao tema. Cabe lembrar que esse contexto de aprofundamento do pensamento de Husserl sobre o conceito de Mundo da Vida foi permeado pela atmosfera de guerras: a primeira guerra mundial de 1914 a 1918, e o clima de tensão que levaria à segunda guerra, de 1939 a 1945 (GIMARÃES, 2012, grifo do autor). Quando Husserl escreveu “A Crise das Ciências Europeias e a Fenomenologia Transcendental” estava tratando de uma crise ontológica, moral e uma perda de contato com o mundo da vida, o mundo circundante, que é o verdadeiro solo da ciência. Neste raciocínio, quando ocorre o deslocamento desse sentido do saber, a ciência gera violência para as pessoas e perde-se o que é essencial na vida que é redescobrir a cada momento a riqueza da existência na relação com os outros. Husserl nos alertou para a violência do saber prepotente baseado apenas na tecnociência.

Neste mesmo contexto, a crítica de Husserl ao psicologismo nos direciona para a compreensão do mundo da vida, para a correlação com o mundo, ressaltando-se nesta concepção a primordialidade do “mundo vivido”, captado através da percepção. Assim, o mundo é sempre mundo percebido, “cuja totalidade não é totalidade dos seus objetos, mas totalidade de horizontes alcançados pela percepção”, implicando que o conceito de mundo da vida se relaciona intimamente com a consciência intencional, ou seja: “de um lado, a subjetividade, a consciência intencional iluminadora do mundo, como lugar absoluto da sua auto-evidenciação, do seu esclarecimento; do outro lado, a abertura infinita dos horizontes do mundo” (GUIMARÃES, 2012, p. 32).

Portanto, o mundo é constituído no seu caráter de horizontalidade e a vivência do mundo da vida é sempre a ocasião de descoberta de novos horizontes, como demonstra a reflexão de Guimarães (2012, p. 32-33):

Ao passar por uma rua e me deparar com um prédio antigo de arquitetura neoclássica, percebo imediatamente o seu estilo, os modos de concretizar na sua construção o ideário neoclássico e assim por diante. Mas se entro no prédio e alcanço o jardim existente no fundo do espaço por ele ocupado, percebo variações estilísticas e imagens que me mostram sentidos distintos daqueles que me foram mostrados ao passar pela rua. Outros horizontes são percebidos no processo de ideação do prédio, na medida em que percorro os seus contornos, os seus ângulos, os seus modos de aparecer. E vejo que o mesmo prédio, está situado num contexto referencial formado pela

iluminação elétrica, pela rede hidráulica, pela rua, pelo bairro, pelos registros públicos, por obrigações tributárias e infinitas outras referências que constituem os horizontes do seu manifestar-se naquele local. Da mesma forma poderíamos dizer que uma árvore tanto pode fazer parte do contexto referencial de uma floresta quanto das significações que adquire isolada num jardim ou numa planície de pastagens.

Compreende-se que a concepção de mundo da vida implica a articulação dos sentidos do mundo e se desenvolve nesse processo de desvelamento de horizontes de significados presentes em nosso vivido cotidiano. Neste ponto surge um elemento essencial: a linguagem, que torna possível a comunicação e se realiza dentro de possibilidades discursivas elaboradas no plano da interação com outros no mundo (GUIMARÃES, 2012).

Conforme Husserl (2002) o mundo da vida está presente nos componentes cotidianos da existência pessoal anteriores à atividade científica, significando a relação intencional (visada) dos sujeitos no contexto histórico social gerado anonimamente na colaboração humana, que ao mesmo tempo se cristaliza na práxis humana convencionada e possibilita ações criativas. O *Lebenswelt*, construído pela linguagem traduz a cultura, costumes, valores, etc., no qual as coisas e as palavras vão ao encontro imediato das pessoas e traduzem as condições de um mundo histórico, presente e com horizonte aberto ao futuro.

Ferreira (2015) explica que o *Lebenswelt* é o mundo circundante, que aí se apresenta, onde temos consciência imediatamente e intuitivamente, onde valorizamos, julgamos, percebemos e experimentamos. A categoria de “horizonte” complementa o conceito de mundo da vida, pois, supõe segundo Husserl (2002) cada experiência, dado ou palavra num nexos global de sentido proveniente da intencionalidade subjetiva, de forma que ser e sentido são compartilhados com a totalidade onde estão inseridos, constituindo uma totalidade aberta e viva.

### **3. Utilizando o conceito de corpo próprio de Husserl para pensar o envelhecimento**

A vivência intencional é o perceber, a percepção, o ponto zero da fenomenologia, que faz referência à memória e sem a qual não há vivência. É a vivência temporal, percebida “em carne e osso”, presença. Assim, vivência intencional, que podemos denominar também como Intencionalidade, ou consciência intencional, ou consciência transcendental, ou subjetividade transcendental é o modo de ser, existir, a comunidade de vivências ou totalidade de atos conscientes sintetizados, fluência. Uma intencionalidade que Husserl compreendeu como intencionalidade da correlação com o mundo, transcendental (GOTO, 2014, Aula).

A intencionalidade da correlação com o mundo se organiza na presença de significados. Cabe aqui a compreensão sobre a distinção entre sentido e significado para Husserl. Tal distinção se dá conforme Josgrilberg (2015) pela apreensão de que ao sentido se atribui a manifestação intuitiva do que percebemos nas coisas. De outro modo, a significação é a forma que essa percepção recebe em uma expressão linguística. Tanto o sentido quanto a significação nascem de uma “relação objetiva” de mostrar algo, visto que o aparecer do objeto vem com a inerência intencional de um sentido, resultando que toda unidade de percepção seja um sentido. Portanto, o sentido de um objeto é dado de modo amplo, sendo sua indeterminação uma fonte rica de possibilidades de variadas sínteses perceptivas, mantendo-se como horizonte aberto e de extensão variada:

Essa indeterminação do sentido forma a cercania necessária para a operação da língua: cada sentido recebe uma relação objetiva, uma direção delimitada do objeto como operação de delimitação linguística pelos signos e frases. O sentido se encontra no significado do termo, mas o significado de um termo não abarca todo o sentido. É a identidade parcial do sentido com o significado que induz à confusa identificação de um com o outro. Husserl faz a distinção de outro modo apontando o sentido linguístico como significação e o sentido intuitivo como o sentido propriamente dito ou sentido noemático da coisa. Uma das características do noema perceptivo (o intencionado como tal) é justamente o de abrir o sentido do percebido a uma variedade de significações e de sínteses. O sentido noemático em sua indeterminação aponta para a essência de algo e pode receber diferentes determinações em expressões linguísticas. O sentido não

se reduz ao que é dito, mas é a fonte que nos faz dizer (JOSGRILBERG, 2015 p. 345).

Na concepção husserliana do corpo próprio, chamado *Leib*, há a distinção importante entre o corpo próprio e os corpos inanimados, denominados *Körper* e, nesta compreensão, mesmo que o Eu tematize seu corpo como faz com objetos inanimados, por essência, ele não pode lhe subtrair seu caráter de experimentador, seu caráter constituinte, de forma que o *Leib* funciona antes e durante todo o raciocínio e a atividade reflexiva, não apenas intermediando conexão entre interno e externo, mas é parte necessária na formação da consciência, na existência e na permanência da consciência de tudo, pois, “não fosse por meio dos órgãos, não haveria percepção, logo não haveria consciência de algo e estaria desfeito o fundamento da fenomenologia”. O corpo é o próprio sujeito no espaço fenomenológico (BARCO, 2012, p. 9).

Portanto o corpo é o “ponto zero” de orientação do sujeito, de maneira que toda a relação com os objetos espaço-temporalmente apreendidos se dá a partir do ponto específico do sujeito, partindo de sua localização e em relação aos seus pontos de referência, sendo por exemplo que: “aqui” é sempre um “aqui” relativo ao corpo próprio, assim como o “agora”; e “o que era o ‘objeto à minha direita’, pode passar a ser o ‘objeto à minha esquerda’, pelo fato de meu corpo ter mudado de posição”, o mesmo valendo para outras noções não tão exatas, como “longe” ou “perto” e “pequeno” ou “grande”, que embora variem para um mesmo sujeito, de acordo com o contexto, geralmente são concepções relativas ao próprio corpo, de forma que consideramos julgamos a distância entre dois pontos geralmente a partir dos meios que dispomos para chegar lá, o que também se relaciona com o tamanho e velocidade do nosso corpo (MISSAGGIA, 2017, p. 200, grifos da autora).

Assim, nas palavras de Husserl (1993, p.9):

Eu, esta pessoa humana entre outros homens no mundo, que me situo graças ao meu corpo no complexo real da natureza, no qual se inserem também as minhas cogitações, as minhas percepções, recordações, juízos, etc., como factos psicofísicos. Assim concebidos, sou eu e somos nós, homens e animais, temas das ciências objectivas, da biologia, da antropologia e zoologia, e também da psicologia. A vida psíquica, de que toda a psicologia fala, é entendida como vida psíquica no mundo.

Em contraste com as palavras de Husserl (1993) o movimento de pensar o corpo como máquina, buscando torná-lo cada vez mais próximo ao Ciborgue, aparece na concepção do “*body-building*”, termo que Le Breton (2002) explicita como a expressão que se refere à valorização dos músculos, refletindo o desejo de se tornar imortal. Sintetizando esta análise podemos dizer que:

A era do ciborgue é aqui e agora, onde quer que haja um carro, um telefone ou um gravador de vídeo. Ser um ciborgue não tem a ver com quantos bits desilício temos sob nossa pele ou com quantas próteses nosso corpo contém. Tem a ver com o fato de Donna Haraway ir à academia de ginástica, observar uma prateleira de alimentos energéticos para *bodybuilding*, olhar as máquinas para malhação e dar-se conta de que ela está em um lugar que não existiria sem a ideia do corpo como uma máquina de alta performance. Tem a ver com calçados atléticos (HARAWAY, KUNZRU e TADEU, 2009, p.23).

Vivemos, portanto, em um mundo que privilegia a técnica, o mercado, o consumo e onde se valoriza a aparência que faz da forma de vestir, do peso e da idade algo mais importante do que o caráter, os valores éticos e a experiência que foi adquirida ao longo da vida. Este ambiente social propicia, por exemplo, que mulheres comecem cada vez mais cedo a contar as calorias ingeridas no dia, passando assim a controlá-las, além de gastarem muito dinheiro com roupas da última coleção, maquiagem, produtos de beleza, cirurgias e cosméticos. Cada vez mais individualizada, a cultura estimula com seus valores os indivíduos a voltarem-se cada vez mais para si mesmos (Prado, Mussi e Lopes, 2015), ficando, ao que parece, cada vez mais desamparados de suporte social.

Na contramão dessa tendência de pensamento maquínico, o envelhecimento se dá como fluxo de existência conforme relembram Schneider e Irigaray (2008) e consiste em um movimento de sínteses integradoras sucessivas do corpo motrício em sua relação de sentido com o mundo, num processo de

interação entre pessoas existindo entre disposições da natureza e da cultura, e da natureza já modificada pela cultura. Na fenomenologia, o estudo das idades da vida aparece fortemente em Husserl com a perspectiva da relação com o mundo, a comunidade, a história e a intersubjetividade transcendental sendo de suma importância para a compreensão e interpretação do ser humano a diversidade humana das fases da vida, com repercussões em todas as áreas do conhecimento (JOSGRILBERG, 2017).

Husserl mantém a ideia de um devir humano por etapas, desdobramentos de elos entrelaçados, que vai dos primeiros movimentos e habitualidades do ser vivo até às sínteses da razão, sendo sua vida um permanente devir pessoal resultado de uma permanente intencionalidade de desenvolvimento, um constante tornar-se, de forma que a vida humana é um curso pessoal com etapas de auto-reflexão e de auto-responsabilidade, desde os atos ocasionais até a aquisição da consciência de autonomia, da ideia de uma vontade livre e bem determinada, formando com sua vida pessoal uma unidade sintética de uma vida universalmente responsável (JOSGRILBERG, 2017).

Assim, a subjetividade capaz de leitura do ponto de vista transcendental é uma subjetividade encarnada e o corpo é visto numa dimensão em que o nexos geracional oferece duas visões paralelas, que trabalha como natureza e outra das apropriações intencionais que o ser humano faz; essas visões paralelas da ciência e da fenomenologia são essenciais uma à outra, uma visão da natureza pela ciência empírica e outra a visão da fenomenologia que explora a relação especial com o sentido das coisas no mundo horizonte. As duas criam sedimentações no mundo da vida, nosso solo humano. Numa das visões se pronuncia a visão da natureza, investigada pela ciência, na outra visão aparece a relação transcendental da vida com a busca humana pelo sentido das coisas, de si mesmo, do mundo (JOSGRILBERG, 2017).

#### 4. Considerações finais

As redundâncias das solicitações de cuidados com a aparência de perfeição do corpo que podem nos tornar reféns do mercado de produtos e serviços estéticos, com a capacidade de nos fazer constantemente frustrados com nós mesmos e evitando o futuro a todo custo, podem nos impedir de vivenciar com leveza o aqui e agora e o universo imenso e rico de possibilidades para a vida. Compete a nós a postura reflexiva ante a influência da técnica sobre a vida, pois, o envelhecimento é parte do movimento do viver, de forma que envelhecer é o movimento do corpo conforme a vida e as experiências vão acontecendo, implicando que em cada momento tenhamos uma aparência diferente: o bebê, a criança, o adolescente, e outras muitas e variadas formas depois, resultando que a beleza não esteja em ser jovem ou velho, mas em aprofundamentos no viver, implicando que o belo seja no sentido do humano e nos significados que construímos para nós mesmos e com os outros.

Um ponto de vista interessante e que pode nos ser útil para pensar a questão é tratado por Le Breton (2018), em sua obra intitulada: “Desaparecer de Si: uma tentação contemporânea”. Neste livro o autor trata da individualização atual que nos desvincula do essencial que consiste em dar significado e valor à existência, em sentir-se ligado aos outros, experimentando o sentimento de ter um lugar no seio do vínculo social, pois, embora nossas condições de vida sejam melhores que as de nossos ancestrais, o desmantelamento do vínculo social isola cada indivíduo e o entrega à sua “liberdade e autonomia” (a própria sorte?) ou, ao contrário, a seu sentimento de insuficiência, a seu fracasso pessoal, pois, o indivíduo que não dispõe de recursos interiores sólidos para se ajustar, dar significado e valores aos acontecimentos, que não tem autoconfiança suficiente, sente-se ainda mais vulnerável, e é obrigado a afirmar-se por si mesmo já que não encontra apoio na comunidade. Muitas vezes ele mergulha em um clima de tensão, de inquietude, de dúvida, que torna difícil sua vida (LE BRETON, 2018, grifos meus).

Talvez todas as exigências sobre os sujeitos na atualidade, todas as possibilidades e recursos que dizem que a responsabilidade por sua saúde e seu corpo é unicamente dele esteja implicado neste desejo de perfeição em padrões de ser. O envelhecimento posto como responsabilidade individual diante dos produtos e procedimentos anti-idade disponíveis no mercado e das variadas formas de manipular o corpo vai de encontro ao processo da vida e às diferentes possibilidades econômicas, genéticas e psíquicas de cada sujeito. Seria possível talvez falar também de um desaparecer de si no excesso das modificações no corpo, que apesar de figurar também como forma de aparecer aos outros na busca da aprovação social ou beleza, pode resultar também em uma imagem grotesca de si, no caso de cirurgias plásticas mal sucedidas, ou uma alienação de si assumindo personagens de ficção ou pessoas famosas. Nesta reflexão, o que vem sendo denominado culto ao corpo, percebido socialmente como valor ao corpo, contrariamente pode também ser entendido como submeter o corpo, maltratá-lo, tornando-o parte de um processo de servidão ao capital.

#### Referências

BARCO, Aron Pilotto. **A Concepção Husserliana de Corporeidade**: a distinção fenomenológica entre corpo próprio e corpos inanimados. *Synesis*, Petrópolis, v. 4, n. 2, p. 1-12, ago./dez. 2012.

CASTRO, Ana Lúcia. **Culto ao Corpo**: identidades e estilo de vida. VIII Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais: A Questão Social no Novo Milênio. Coimbra, setembro de 2004.

CERQUEIRA, Monique Borba. **Envelhecimento, Saúde e Novas Sociabilidades**. Revista Kairós. São Paulo, vol. 16, edição 6, Dezembro, 1013.

CHAUI, Marilena. **Convite à Filosofia**. São Paulo: Editora Ática, 2012.

CHNAIDERMAN, Mirian. O Mito do Corpo Jovem a Qualquer Preço. In: BARBIERI, Natália Alves; BAPTISTA Carolina Guimarães de. **Travessias do Tempo**: acompanhamento terapêutico e envelhecimento (p. 41-50). São Paulo: Casa do Psicólogo, 2013.

DANTAS, Jurema Barros. **Um ensaio sobre o culto ao corpo na contemporaneidade**. Estud. Pesqui. Psicol. Rio de Janeiro, v. 11, n. 3, p. 898-912. Dez, 2011.

DEBORD, Guy. **A Sociedade do Espetáculo** (1967). Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

DELBONE, Bárbara Slonsk; JOAQUIM, Stephanie Bittencourt; PLONER, Katia Simone; CYRINO, Luiz Arthur. **Gerascofobia** - o medo de envelhecer na contemporaneidade. Revista Brasileira de Ciências do Envelhecimento Humano. Passo Fundo, vol. 10, n. 2, agosto, 2013.

FERREIRA, Aurélio. **Minidicionário Aurélio da Língua Portuguesa** (3ª ed.). Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

FERREIRA, Rafael Bastos. **As Estruturas do Mundo-da-vida e Seu Significado Para a Geografia**. Anais do XI ENANPEGE, 2015.

FIGUEIREDO, Débora de Carvalho. NASCIMENTO, Fábio Santiago. RODRIGUES, Maria Eduarda. **Discurso, Culto ao Corpo e Identidade**: representações do corpo feminino em revistas brasileiras. Linguagem em (Dis)curso. Tubarão, SC, v.17, n.1, p. 67-87, jan./abr.2017.

GIDDENS, Anthony. **As Consequências da modernidade**. Tradução: Raul Fiker. São Paulo: Unesp, 1991.

GOTO, Tommy Akira. **Introdução à Fenomenologia e a Psicologia Fenomenológica**. Curso ministrado na Fundação de Saúde Integral Humanística. Disponível em: <https://m.youtube.com/watch?v=RR9dHtF3e4>.

GUIMARÃES, Aquiles Cortês. **O Conceito de Mundo da Vida**. Cadernos da EMARF, Fenomenologia e Direito, Rio de Janeiro, V.5, nº 1, abril/ set., 2012.

HARAWAY, Donna; KUNZRU, Hari; TADEU, Tomaz. **Antropologia do Ciborgue**: as vertigens do pós-humano. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

HUSSERL, Edmund. **Conferências de Paris**. Tradução: Artur Mourão e António Fidalgo. LusoSofia:press,1992.

HUSSERL, Edmund. **A Crise da Humanidade Européia e a Filosofia**. Tradução: Urbano Zilles. 2ª ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

JOSGRILBERG, Rui de Souza. **Sentido e Significação**: uma essencial distinção hermenêutica. In: NOGUEIRA, Paulo Augusto de Souza (Org.). Religião e Linguagem. 1ª ed. São Paulo: Paulus, 2015, v. 1, p. 341-372.

JOSGRILBERG, Rui de Souza. **Para uma Fenomenologia das Idades da Vida**. Phenomenological Studies - Revista da Abordagem Gestáltica - XXIII (3): 299-307, set-dez, 2017.

LASCH, Christopher. **A Cultura do Narcisismo**: a vida americana numa era de esperanças em declínio. Tradução de Ernani Pavanelli. Rio de Janeiro: Imago, 1983.

LE BRETON, David. **Antropologia Del Cuerpo y Modernidad**. Buenos Aires: Nueva Visión, 2002.

LE BRETON, David. **Adeus ao Corpo**: Antropologia e sociedade. Tradução de Marina Appenzeller. 3ª ed. Campinas: Papyrus, 2003.

LE BRETON, David. **Desaparecer de Si**: uma tentação contemporânea. Tradução de Francisco Morás. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018.

LIMA, Talita Maria Carvalho de. **Envelhecimento Feminino**: Produção das subjetividades do sujeito mulher pela estética do corpo. Dissertação. Programa de Pós-Graduação em Comunicação. Universidade Federal de Goiás. Goiânia, 2015.

LOPES, Amliz Ferreira Lopes; MENDONÇA, Érika de Sousa. **Ser Jovem, Ser Belo**: a juventude sob holofotes na sociedade contemporânea. Revista Subjetividades, Fortaleza, 16(2): 20-33, agosto, 2016.

MATOS, Cássio Luiz Aragão. **A Juvenização do Idoso na Cultura de Consumo**: construção de identidades e culto ao corpo. 18º REDOR. Universidade Federal Rural de Pernambuco, novembro de 2014.

MISSAGGIA, Juliana. **O Conceito Husserliano de Corpo**: sua dualidade e funções nas experiências perceptivas. Problemata: R. Intern. Fil. v. 8. n. 3 (2017), p. 196-208.

MONTEIRO, Henrique Moura. **O Outro Artificial e a Cultura Pós-Moderna**. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Universidade Federal do Pará. Belém, 2011.

MOREIRA, Virgínia; NOGUEIRA, Fernanda Nícia Nunes. **Do indesejável ao inevitável**: a experiência vivida do estigma de envelhecer na contemporaneidade. *Psicol. USP* v.19 n.1 São Paulo, mar. 2008.

OSCAR, Ribeiro. **O envelhecimento “ativo” e os constrangimentos da sua definição**. *Sociologia: Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*, núm. 2, pp. 33-52. Portugal, 2012.

PRADO, Juliana do. **Culto ao corpo na telenovela**: apropriações, consumo e identidades sociais. CASTRO, Ana Lúcia (Org). *Cultura contemporânea, identidades e sociabilidades: olhares sobre corpo, mídia e novas tecnologias*. São Paulo: Editora UNESP/ Cultura Acadêmica, 2010. 213 p.

SANTOS, Luana Alves dos; ZOBOLI, Fábio; CORREIA, Elder Silva. **Estética/beleza e Antienvelhecimento Feminino**: Biotecnologia e potencialização do corpo. *Praxia*, Vol. 1, No. 4, 2013.

SCHNEIDER, Rodolfo Herberto; IRIGARAY, Tatiana Quarti. **O envelhecimento na atualidade**: aspectos cronológicos, biológicos, psicológicos e sociais. *Estudos de Psicologia*, 25 (4), pp. 585-593. Campinas: outubro – dezembro, 2008.

VILLAÇA, Nízia; GÓES, Fred; KOSOVSKI, Ester. **Que Corpo é Esse?** *Novas Perspectivas*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Mauad, 2012.